

## QUEM PRECISA DE CHIFRES?

*Pedro Eduardo de Felício\**

Ainda há, no Brasil, pecuaristas que dizem que não farão essa ou aquela mudança a menos que lhes seja oferecido um ganho extra. Tem sido assim no caso de procedimentos bem simples, que podem melhorar a qualidade do couro, e quem sai perdendo é a economia do setor. Outros exemplos desse comportamento anacrônico são a falta de prevenção da cisticercose e o manejo impróprio de embarque do gado nas fazendas. Além disso, um levantamento feito pela Faculdade de Veterinária de S. João da Boa Vista, em frigoríficos de oito estados, revelou que 70% das carcaças apresentam lesões vacinais e medicamentosas que são removidas no abate, detectadas e retiradas durante a desossa, resultando em perdas anuais, no país todo, de cerca de 18 milhões de dólares.

E o que dizer das contusões causadas por chifradas? É provável que as perdas por remoção de hematomas provocados pelos chifres ainda não tenham sido estimadas no país, mas devem representar uma fração importante do total de lesões teciduais retiradas no abate, antes da pesagem das carcaças e, portanto, descontadas dos pecuaristas. Os próprios frigoríficos também são penalizados pela desvalorização dos cortes cárneos lesionados e pelos custos de mão de obra e de manutenção e depreciação de equipamento para remoção dos chifres, no início da esfolagem. A receita obtida com a transformação do sabugo em farinha de osso, e da parte córnea em farinha de cascos e chifres, dificilmente cobre os custos de produção, entretanto o processamento é necessário para evitar que o material venha constituir um poluente.

Na Austrália, fala-se que as perdas por contusões no abate de bovinos eram da ordem de 3%, mas que houve uma redução para 0,2% após diversas campanhas para demonstrar aos pecuaristas os danos causados pelos chifres e a melhoria do bem estar animal, durante a apartação e o transporte, obtida com gado naturalmente mocho ou descornado. Atualmente, os frigoríficos se negam a comprar gado aspado, e os padrões para exportação daquele país requerem ausência de cornos, permitindo exceções, que são concedidas por inspetores sanitários, em virtude de dificuldades que os criadores de certas regiões enfrentam no manejo dos rebanhos. Porém nesses casos os animais com chifres devem ser apartados dos demais e o espaço mínimo para cada um deve ser 30% maior nos currais e no transporte, o que faz aumentar proporcionalmente os custos de frete.

O código australiano de boas práticas de bem estar animal dispõe sobre os métodos permitidos de descorna e estabelece que devem ser empregados antes dos seis meses de idade, ou logo que apareçam os botões córneos, dispensando-se a aplicação de anestésicos.

Considerando-se que estamos entrando numa era de entendimentos entre pecuaristas e industriais, visando criar uma união necessária para promover a organização da cadeia produtiva, não seria o caso de iniciarmos logo alguns levantamentos nos matadouros-frigoríficos sobre os hematomas causados por chifradas? Fica aí uma sugestão para o crescente número de pesquisadores e pós-graduandos à procura de um tema de tese na interface da produção pecuária com a indústria da carne. Afinal, quem precisa de chifres? Os modernos novilhos de corte certamente que não, menos ainda os criadores e industriais. Deixemos, portanto, o acessório inútil para quem cria gado de seleção, ou melhor, para os bovinos de exposição.

---

\*Professor-associado da Faculdade de Engenharia de Alimentos da UNICAMP.

Artigo publicado na Revista ABCZ ano 1, n.5, p.28, (nov./dez.), 2001.